

# Por uma pedagogia da dignidade

Memórias e reflexões  
sobre a experiência escolar

José Sérgio Carvalho



*POR UMA PEDAGOGIA DA DIGNIDADE*  
*Memórias e reflexões sobre a experiência escolar*  
Copyright © 2016 by José Sérgio Carvalho  
Direitos desta edição reservados por Summus Editorial

Editora executiva: **Soraia Bini Cury**  
Assistente editorial: **Michelle Neris**  
Capa: **Alberto Mateus**  
Projeto gráfico: **Crayon Editorial**  
Diagramação: **Santana**  
Impressão: **Geográfica Editora**

### **Summus Editorial**

Departamento editorial  
Rua Itapicuru, 613 – 7º andar  
05006-000 – São Paulo – SP  
Fone: (11) 3872-3322  
Fax: (11) 3872-7476  
<http://www.summus.com.br>  
e-mail: [summus@summus.com.br](mailto:summus@summus.com.br)

Atendimento ao consumidor  
Summus Editorial  
Fone: (11) 3865-9890

Vendas por atacado  
Fone: (11) 3873-8638  
Fax: (11) 3872-7476  
e-mail: [vendas@summus.com.br](mailto:vendas@summus.com.br)

Impresso no Brasil

## SUMÁRIO

PREFÁCIO .....	11
PRÓLOGO .....	17
A minha escola .....	23
Evocação .....	26
Ritos e passagens .....	29
<i>Monsieur Lazahr</i> : a coragem da verdade .....	32
Cicatrizes de uma experiência escolar .....	34
Contra a ideia da força, a força das ideias .....	37
A singularidade como marca do humano .....	40
Lições da ignorância .....	42
Uma defesa da escola .....	45
Em busca de um sentido para o Egito .....	48
Lições do real .....	51

De sujeitos e indivíduos .....	54
O precoce adeus a uma amiga .....	57
Um destino impossível .....	60
Gratidão .....	63
A história de Rosa .....	66
Ardis da ideologia .....	69
Para além dos muros da escola .....	72
Laicidade como responsabilidade política .....	74
Ilusões perdidas .....	77
O mito da reprodução .....	80
Experiências escolares e padronização da qualidade .....	83
Como chegamos a ser o que somos .....	86
Ode à liberdade .....	88
Escolas para quê? .....	91
Ato falho? .....	94
A confiança .....	97
Sobre o conceito de formação .....	100
Metáforas educacionais .....	103
A herança humanista .....	106
Memorização e treinamento .....	109
Nem técnica nem magia. Política e arte .....	112
Uma ética da obediência .....	115

Pensar a infância .....	118
O que faz a escola ser escola .....	121
A volta da reprovação .....	124
O declínio da arte de formar .....	128
Sobre notas e conceitos .....	130
Os Cefam e a formação virtual .....	133
Na terra como no céu .....	136
Direitos Humanos .....	139
A eclosão do improvável .....	142
Da qualidade da educação .....	145
Por uma pedagogia da dignidade .....	148
Tiro pela culatra? .....	151
Tradição e progresso .....	154
Da educação escolar .....	158
Um canto subversivo .....	161
Da disciplina escolar .....	164
Teorias abstratas e práticas pedagógicas .....	167
Universidade pública e democratização da sociedade .....	169
Simulacro e compromisso .....	171
Escolas democráticas: polissemia e compromisso .....	174
Sobre o conceito de ensino .....	177
A recordação como formação .....	180

Castelos de areia .....	183
No lugar da lousa, a prisão .....	185
O tempo que nos une .....	188
Da teoria à prática .....	191
O fetiche do método .....	194
Uma crise na educação? .....	197
Ao mestre com carinho .....	200
O milagre da emancipação .....	202
Cultura letrada e bem comum .....	205
O ofício de ser professor .....	208
Os muros da escola .....	211
A lição de Sócrates .....	214
EPÍLOGO	
Uma breve nota acerca do impacto da experiência da paternidade na formação de um professor .....	217
REFERÊNCIAS .....	219

## PREFÁCIO



*Por uma pedagogia da dignidade – Memórias e reflexões sobre a experiência escolar* é um belo título para um belo livro. A obra parte de uma orientação política e ética e situa na acepção de pedagogia da dignidade a contrapartida ao excesso de adjetivações desse campo do saber. Extremamente original, foi engendrada a partir das experiências de seu autor como aluno, professor e pai. Essas três visões sobre a escola são descritas por uma escrita primorosa e literária e, embora se trate de um livro dotado de todo rigor conceitual e consistência teórica, sua construção é extremamente fluente. Seus interlocutores são os docentes das redes de ensino, além dos professores e estudantes de cursos de Pedagogia e licenciaturas. Os textos discutem, sobretudo, as questões do cotidiano da escola – e por isso José Sérgio Fonseca de Carvalho assume uma clara parceria com os profissionais da educação básica.

Professor de Filosofia da Educação na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, José Sérgio vale-se de registros e observações da vida escolar, entremeados de remissões que passam por filmes a que assistiu, músicas que ouviu, romances que leu. Há trechos extremamente tocantes, como

aquele em que o autor compara uma boa aula a castelos de areia que as crianças constroem: faz todo sentido no momento porque suspende o passado e o futuro e potencializa o tempo presente, ainda que só tenha lugar por um instante fugaz.

José Sérgio mostra ainda como, pela música de protesto, descobriu que o Brasil vivia uma ditadura militar naqueles duros anos 1970. Por outro lado, a contradição: ele estudava em um curso técnico, considerado formador de uma elite das escolas públicas, voltado para levar seus egressos ao mercado de trabalho sem necessidade de curso superior, diminuindo com isso a procura por vagas nas universidades. O livro comprova – como diz o próprio autor – que “o tiro saiu pela culatra”. O engajamento social, cultural e político dos alunos fez que, saindo das escolas técnicas, jovens politizados procurassem a universidade, em carreiras muitas vezes situadas nas Humanidades. Se, para o sistema, tratava-se de um desvio, para os alunos que se formavam era uma vitória.

O trabalho também questiona os discursos correntes sobre educação, que prescindem da investigação empírica e se pautam, por vezes, em pressupostos genéricos que, não raro, “tomam o proclamado pelo real”. Além de a escola ser vista por alguns slogans que a qualificam de maneira imprecisa, há alguma descrença na instituição escolar – tomada nos discursos por seus efeitos de “reprodução cultural da desigualdade social”, por desempenhar o papel de “aparelho ideológico do Estado” ou por suas implicações quanto a certa padronização e normalização de condutas em uma “sociedade disciplinar”. O livro de José Sérgio, com todo respeito aos teóricos que subjazem a essas matrizes de crítica, parte da crença de que a escola constitui

o sujeito, sendo a vida escolar uma experiência existencial que produz significados ao configurar identidades individuais e coletivas. Dessa forma, pensar o conhecimento escolar requer compreender a partilha dessa vida entre os seus atores – professores e estudantes, que vivenciam experiências simbólicas compartilhadas. A escolaridade, por sua vez, é posta como um bem comum e não apenas como uma oportunidade de desenvolvimento individual. Trata-se de adquirir familiaridade com as obras clássicas da cultura letrada. E, mais do que isso, de estabelecer um diálogo crítico com o legado da tradição herdada.

Desde o princípio, o livro foge das opiniões convencionais e tantas vezes compartilhadas no cenário pedagógico. Questiona, por exemplo, a preocupação excessiva com os recursos, técnicas e métodos de ensino, como se fossem eles os baluartes de construção da boa aula e da relação de aprendizagem bem-sucedida. Para José Sérgio, o essencial não está na técnica utilizada, mas na relação que o professor estabelece com sua matéria e com seus alunos.

Outro tema aqui abordado diz respeito às intrincadas relações entre escola e família – ambas instituições encarregadas de educar. José Sérgio recorda que a integração de ambas – a despeito de sua relevância – não nos exime de reconhecer que a primeira não é apenas o prolongamento da segunda. Sobre a disciplina, convida seus leitores a indagarem: não é possível ser um aluno rebelde e ao mesmo tempo disciplinado perante os estudos? Seria o aluno “normal” apenas aquele que não apresenta resistência àquilo que a escola lhe impõe?

A dimensão pública da instituição escolar é um aspecto profundamente enfatizado nesta obra. Não se trata da crença

ingênua na instituição como corretora natural das desigualdades econômicas. Sabe-se hoje que o discurso da igualdade de oportunidades esconde o fato de a escola privilegiar, em certa medida, os que já são privilegiados. Todavia, a despeito disso, como explicar a correlação entre a maior escolarização de mulheres e a diminuição dos índices de mortalidade infantil, ou as manifestações de junho de 2013? Não haveria relação entre esses acontecimentos e a maciça expansão da escola básica? Deixando-nos essa pergunta, José Sérgio opta por confiar na escola e no aluno. Tal confiança, segundo o autor, não elimina da relação educativa sua intransitiva assimetria, mas mostra que esta pode ser temporária.

Um dos conceitos mais importantes analisados nestas páginas é o de formação. Para José Sérgio, embora toda formação implique aprendizagem, nem toda aprendizagem constitui um processo formativo. Aprendizagem significa que alguém veio a saber algo que não sabia, ao passo que a formação implica que esse algo novo que foi aprendido transformou aquele que aprendeu. Portanto, de acordo com a tese que, a meu ver, é a mais original deste livro, a característica distintiva do conceito de formação seria a de operar transformações naquele que aprende.

Outra contribuição instigante é a que afirma que a escola deve ser democrática por três caminhos: o ingresso e a permanência nela; os procedimentos adotados internamente; e o acesso dos alunos aos bens culturais.

Vivemos em uma época em que o lugar social da escola concorre com inúmeras outras estratégias culturais – como a tecnologia –, que lhe impõem novos desafios. Por sua vez, a per-

manência do sentido da cultura escolar está ligada a certo tom de dignidade social. É assim que José Sérgio Fonseca de Carvalho concebe sua pedagogia da dignidade. Dignidade implica direito – o direito das novas gerações de ser educadas. Implica também dever – o dever das antigas gerações de educar as novas. A escola, nesse sentido, é um lugar público imprescindível, que traz consigo todas as utopias. Que venha a público a pedagogia da dignidade tão bem defendida por José Sérgio Fonseca de Carvalho. A escola brasileira precisa dela.

Carlota Boto  
Professora da Faculdade de Educação  
da Universidade de São Paulo (USP)

## PRÓLOGO

Esse é o saber da experiência: o que se adquire no modo como alguém vai respondendo ao que vai lhe acontecendo ao largo da vida e no modo como vamos dando sentido ao acontecer do que nos acontece. No saber da experiência não se trata da verdade do que são as coisas, mas do sentido ou do sem-sentido do que nos acontece.

Jorge Larrosa



A imagem da escola entre professores, pedagogos, intelectuais e trabalhadores da educação parece ter sofrido uma transformação radical nas últimas décadas. Se até meados dos anos 1970 ela era vista, pensada e descrita como um potencial elemento de emancipação política, ascensão social e desenvolvimento pessoal, a partir das últimas décadas do século XX a escola tornou-se objeto de críticas, suspeitas e denúncias cada vez mais contundentes. Ora a instituição escolar é menosprezada em função de seu alegado efeito padronizador e normalizador das condutas, ora ela é descrita como um mero dispositivo legitimador de desigualdades sociais e econômicas. Muitos têm apontado a suposta obsolescência de suas práticas, enquanto outros têm asseverado a irrelevância dos saberes e conhecimentos que lhe são característicos. Essa mutação na ima-

gem social da escola tem gerado efeitos que ultrapassam o ambiente acadêmico em que essas críticas e denúncias foram inicialmente produzidas e divulgadas, de sorte que a descrença na escola – ou ao menos em seu potencial emancipador e em sua importância cultural e política – tem se espalhado de forma notável também entre professores e demais profissionais da educação básica.

Os textos que compõem esta obra têm a pretensão de estabelecer um diálogo crítico com os efeitos dessa desconfiança generalizada que se abateu sobre a imagem da escola na sociedade contemporânea. Não no sentido de rejeitar liminarmente as teses que lhes deram origem, mas ao ressaltar um aspecto que nelas costuma permanecer oculto: o fato de que a escola é um lugar de *experiências*. Nela adentramos cada vez mais cedo e permanecemos cada vez mais tempo. Nela encontramos mestres e charlatões; fazemos amigos e inimigos; descobrimos objetos belos que nos comovem e travamos contato com aspectos trágicos de nossa condição e existência. Além de um aparato estatal e burocrático – cujas “funções” sociais e econômicas podem ser objeto de investigação, estudo e crítica –, a escola é também um local de encontro entre gerações, de intercâmbios entre pessoas e de diálogos com a cultura.

E, seja qual for a visão que dela venhamos a ter como sistema, dispositivo social ou instituição estatal e burocrática, o fato é que passamos pela escola e com ela nos relacionamos na qualidade de pai, aluno, professor ou cidadão. É a singularidade dessa dimensão experiencial e existencial que se esvai quando a pensamos exclusivamente com base em suas supostas “funções”; quando a descrevemos como um mecanismo da engre-

nagem social ou quando a concebemos como mero reflexo de uma ordem econômica e produtiva. Narrar uma *experiência escolar* – em seu caráter contingente, único e mesmo pessoal – implica atribuir um sentido para acontecimentos que nos afetaram na qualidade de aluno, de professor ou de pai. Implica, em síntese, atribuir significado àquilo que ocorre a alguém em suas diversas modalidades de relação com a escola, com suas práticas culturais, seus saberes e com a pluralidade de sujeitos singulares que a frequentam e interagem entre si.

Não se trata de negar que, na condição de *sistema*, a escola possa cumprir a função social de reproduzir as desigualdades ou normatizar as condutas, mas de reconhecer que as análises e descrições de suas funções sociais e econômicas não encerram os possíveis sentidos que podemos lhe atribuir. O contato com uma escola nos abre um leque de novas relações (nela a criança se transforma em aluno; o licenciado, em professor...) e nos expõe a acontecimentos cujos efeitos em nossa constituição como sujeitos são absolutamente singulares. Quantos de nós jamais teríamos lido um poema ou se iniciado na prática de um esporte não fosse a experiência escolar? De quantos caros amigos teríamos nos privado se não a tivéssemos frequentado? Quantas canções jamais teríamos ouvido, quantas mortes ou amores jamais teríamos vivido? Pensar a *vida escolar* como uma *experiência existencial* implica, pois, um esforço no sentido de ultrapassar a imagem da escola como “sistema” ou “estrutura” a fim de mergulhar no papel que ela desempenha na constituição dos sujeitos que com ela interagem.

Os ensaios, as crônicas e as memórias que compõem esta obra procuram tecer o quadro de uma experiência escolar em

suas diversas dimensões. Como na narrativa de qualquer experiência, as reflexões desencadeadas pelos acontecimentos e os sentidos a eles atribuídos são contingentes e não necessários; são particulares e não generalizáveis. Mas tornam patente o fato de que as vivências escolares são elaboradas por sujeitos que não somente a elas respondem, mas com elas interagem de forma própria e substantiva. Há ocasiões em que os escritos trazem à tona os ecos distantes da voz do aluno que fui; em outras, o clamor presente da voz do professor que ainda sou. Ora neles emergem as preocupações do pai, ora as inquietações do pesquisador; a indignação do cidadão ou a esperança do militante. Por vezes, seus objetos são recordações e observações do cotidiano escolar; em outras, a leitura de um romance, a síntese de uma investigação teórica ou a interpretação de uma obra cinematográfica. O que une essa diversidade de temas e preocupações não é a defesa de uma corrente pedagógica nem a coerência de uma ampla teoria da educação, mas a perspectiva a partir da qual a vida escolar é concebida e analisada: um testemunho de quem com ela convive há décadas e, por isso, nela vislumbra um sentido intrínseco.

Em sua quase totalidade, os textos aqui publicados foram originalmente escritos para a coluna “Contraponto”, que mantenho na Revista Educação desde 2008. Embora tenham sofrido modificações substanciais, procurei neles preservar a forma e as dimensões apropriadas a uma escrita especializada, mas não acadêmica. Mais do que uma questão de estilo, essa opção reflete uma profunda convicção: a de que a educação é um problema político de primeira grandeza e que, portanto, diz respeito não somente a professores, pais e alunos, mas a todos aqueles que se

interessam pelos destinos daquilo que partilhamos na qualidade de cidadãos: o mundo público e a forma como nele tecemos nosso *viver-juntos*. Pensar a educação no entrelaçamento entre a experiência singular de um sujeito e seu significado público e político implica concebê-la como uma atividade por meio da qual cada um de nós se relaciona, no tempo presente, com um legado simbólico que herdou dos antepassados e com os compromissos históricos que assume em relação àqueles que nos sucederão neste mundo comum.

Abordada como uma forma específica de relação que os homens estabelecem com sua dimensão existencial e histórica, a educação assemelha-se a um diálogo entre gerações. Um diálogo sempre mediado pela transmissão de experiências simbólicas e impulsionado pelo que os gregos chamavam de *philantropia*, ou seja, por uma disposição amorosa em relação ao humano e à sua obra histórica: o mundo. Um mundo que, como nos lembra Arendt, “não é humano simplesmente por ter sido feito por seres humanos e que não se torna humano simplesmente porque a voz humana nele ressoa, mas que se humaniza quando se torna objeto de um discurso. Por mais afetados que sejamos pelas coisas do mundo, por mais profundamente que elas possam nos instigar e estimular, o mundo só se torna humano para nós quando podemos discuti-lo com nossos companheiros”.<sup>1</sup> Assim, a experiência da educação implica a disposição de conversar sobre o mundo, de escutar as vozes daqueles que nele nos antecederam e daqueles com quem o compartilhamos no pre-

---

1. A fim de manter o tom coloquial destes escritos, evitei as citações no corpo do texto. Ao final de cada pequeno ensaio, menciono as obras a ele relacionadas, cuja indicação completa se encontra ao final do livro.

sente. Porém, implica, sobretudo, a paixão e o desafio de dirigir nossas vozes àqueles que, recém-chegados, herdarão o compromisso de renovar esse mundo comum, atribuindo-lhe novos sentidos.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

Arendt, 1998; Larrosa, 2002.

## A MINHA ESCOLA

### ***A instituição pública como espaço de liberdade***



A primeira escola que frequentei, o Externato São José, situava-se em um bairro periférico da cidade de São Paulo, habitado por gente simples, acostumada a reproduzir em suas casas um modo de vida que se assemelhava àquele de suas raízes rurais. Havia hortas e galinhas nos quintais; quermesse nas festas juninas e carnaval de rua. Mas havia também certa aspiração à urbanidade, uma busca difusa por outras formas de experiências, por novas oportunidades sociais e profissionais. Algumas décadas antes, o São José havia sido a escola de minha mãe e de minhas tias. E a partir dos anos 1960, passou a acolher uma nova geração da família: meus primos, irmãos mais velhos e eu.

Em acordo com os costumes então vigentes, meu pai decidiu que as meninas lá deviam permanecer, ao passo que a mim e a meu irmão estava destinado o exame de admissão na renomada escola pública do bairro: o Colégio Estadual Infante Dom Henrique. Lembro-me da admiração que nutria pela jaqueta de seu uniforme: amarela com grandes caravelas bordadas às costas. Portá-la era sinal de distinção no bairro. Porém, a despeito do arrebatamento estético provocado por esse detalhe do uniforme – que, aliás, a mim nunca foi concedido, pois meu pai o